

Brincando de polícia e ladrão na EMEI Bombeiro

Adriana Basques da Silva Masella

Trabalho na EMEI Bombeiro José Robson Costa de Araújo, situada no bairro da Cachoeirinha – Zona Norte de São Paulo. Como professora módulo, passei por várias turmas no ano de 2021 e, no final de setembro, assumi o grupo do 2º estágio - 6H. Participando do curso sobre Currículo Cultural da Educação Física passei a ter um novo olhar para as manifestações corporais das crianças.

Uma das observações que chamaram a minha atenção foi em relação aos brinquedos de montar. As crianças faziam armas e entre elas, falavam sobre a brincadeira polícia e ladrão. Olhavam para mim, na certeza de uma atitude repreensiva, porém, naturalmente, desmistifiquei tal construção, e eles foram brincando, no espaço da sala de aula.

Já pensando num mapeamento, continuei minhas observações. Durante o parque, brincavam de polícia e ladrão. No espaço da área verde, também. Quando brincavam de massinha, construíaam armas e usavam a própria mão, imitando ter uma arma.

Certo dia, Lucas perguntou para mim:

Lucas: *professora, você deixa brincar de polícia e ladrão?*

Eu respondi: *deixo, por quê?*

Lucas: *porque a professora Joana não deixa.*

Nesse momento aproximou-se o Joaquim, o Christopher, o Arthur e o Enzo.

Joaquim: *pode brincar de polícia e ladrão, prô?*

Eu: *pode, com cuidado para não se machucarem.*

Lucas: *Valentina, Brenda, Alina, Deborah, a professora deixou brincar de polícia e ladrão!!!!*

Saíram em disparada e brincaram, no espaço do parque.

Quando subimos do almoço, na roda de conversa, perguntei onde mais eles brincavam. Lucas disse que brincava onde morava. Joaquim, com os meninos, na rua. Enzo brincava com o pai, num jogo parecido. Valentina e as outras meninas disseram que

somente na escola, pois na rua as mães não deixavam. Ao questionar o motivo desse impedimento, elas disseram que na rua é perigoso. Alina disse que a mãe não gostava dessa brincadeira.

A partir dessas falas, pensei que seria muito interessante tematizar a brincadeira. Na semana seguinte, fiz uma proposta: sentados em roda eu disse que brincariam de polícia e ladrão e que tinham que pensar em tudo o que precisariam para brincar. A lista foi grande: arma, rádio, celular, algema, carro, cachorro, roupa de policial, cadeia, distintivo na roupa. Fizeram a escolha de quem seria ladrão e policial. Anotei. Pegaram os brinquedos de montar e dei um tempo, para que providenciassem tudo o que precisavam. Além dos brinquedos, disponibilizei barbante, placas de madeira, tiras de papel crepom, adesivos de estrela.

As meninas que escolheram ser policiais montaram a cadeia no espaço entre os 2 armários. As cadeiras serviam de porta. Com as placas de madeira fizeram os celulares e os rádios. Com o monta-monta, armas e algemas. Colaram os adesivos na roupa. Brenda seria a cachorro. Alina amarrou o barbante na sua cintura, a fim de conduzi-la. Quando tudo estava pronto, começaram a brincadeira, que aconteceu no espaço da sala de aula. Brincaram por 15 min, intensamente.



Interpretaram os papéis com riqueza de detalhes: policiais fazendo a “batida” com o ladrão virado para a lousa; ladrões se comunicando, por meio dos celulares (um tentava distrair os policiais enquanto os outros fugiam; ladrões eram presos e colocados na cadeia; ”cachorro” farejava debaixo das mesas; ladrões conseguiam fugir e policia faziam novos planos para capturá-los.

Passados os 15 mim, sentaram-se um pouco, beberam água e fomos para uma roda de conversa. Anotei as impressões do grupo: *os policiais têm força; os ladrões foram fracos; cansa muito brincar; tivemos energia para fugir da polícia; ninguém me pegou, prô, da próxima vez vou fazer uma espada para furar o pneu do carro dos policiais; podemos fazer a cadeia debaixo das mesas; pegar bandido é difícil.*

Depois de ouvir esses depoimentos, perguntei a eles como sabiam que os policiais e ladrões agiam assim. Enzo respondeu que joga com o pai, por isso ele sabe. Lucas disse que já viu, na viela onde mora e que o pai, quando saiu da clínica, foi parado pelos policiais, revistaram, mas deixaram ir embora. Brenda disse que na rua já viu o ladrão fugir da polícia, e a polícia atirou. Valentina já viu na televisão e no filme. Emanuely já viu na favela e na televisão.

Na semana seguinte, observaram imagens de pessoas brincando de polícia e ladrão. Li, para eles, uma maneira diferente de brincar (mostrada numa das imagens) – uma pessoa é o ladrão e bate cara. Os bandidos fogem e vão se esconder. À medida que os policias vão encontrando, os ladrões ficam presos. Passei um vídeo de um pai brincando com as filhas, em casa. Arthur, Enzo e Valentina disseram que já tinham assistido.

A proposta desse dia foi brincar no parque. Nem todos quiseram brincar. Alguns preferiram os brinquedos. Não interferi na escolha. Quando voltamos para a classe, em roda de conversa, perguntei como foi brincar no parque. Enzo achou mais difícil, pois teve que correr muito. Joaquim disse que o Lucas o salvou muitas vezes; Arthur gostou, pois ninguém o pegou; Deborah disse que foi pega toda hora. Enzo disse que também queria ser ladrão... Christopher gostou, pois trocou mais de posição.

As crianças registraram essa vivência, desenhando. Eu disse a eles que iria mostrar os desenhos para minha filha, Marina, que também é professora numa outra EMEI e que também vivencia brincadeiras com as crianças. Passados 2 dias, Dennis me perguntou se minha filha já tinha visto os desenhos, eu respondi que não, seria no final da semana.



Lancei o desafio de conversarem com suas famílias sobre essa brincadeira e que poderiam perguntar se também brincavam, quando eram crianças. No dia seguinte, Lucas contou que seu pai brincava na rua, com os amigos, mas sem armas. Valentina disse que o pai brincava, mas a mãe não. Brenda contou que a mãe se escondia nas árvores. Alice disse que estava com a mãe, num bar, e ouviu que seu irmão ia ser preso. Perguntei se ele morava com elas, ela disse que não, que morava com a avó.

Sugeri a eles que entrevistássemos pessoas da escola, para saber o que conheciam dessa brincadeira. Pedi que fizessem as perguntas:

- 1 – Você brincava de polícia e ladrão?
- 2 – Como você brincava? Você se divertia?
- 3 - Você brincava na sua escola?
- 4 – Vocês faziam armas e equipamentos?

5 – Alguém da sua família é policial?

No dia seguinte, conseguimos entrevistar a Ketlyn – mãe que trabalha na escola, pelo programa POTE.



Quando ele chegou na sala, contamos um pouco sobre as vivências com a brincadeira Polícia e Ladrão. Contei a ela que as crianças haviam elaborado algumas perguntas, se ela aceitaria responder. Ela aceitou. Eu li as perguntas, na ordem que estão, acima e ela relatou:

Eu brincava sim, com meus primos. Nós escrevíamos num papel polícia, ladrão, vítima. Sentávamos em roda e sorteávamos os papéis. Quem tirava o ladrão tinha que piscar para a vítima e ela dizia: morri. O policial tinha que descobrir quem era o ladrão. Quando descobria dizia: você está preso em nome da lei. Aí, sorteávamos novamente para continuar brincando. Nós nos divertíamos, sim!! Eu também brincava na escola, desse mesmo jeito.

Nesse momento, Enzo levantou a mão e perguntou: *você não brincava de correr, atirar, prender?*

Ketlyn: *não, assim é muito violento. Eu e meus primos brincávamos somente assim.*

Lucas: *nem na escola vocês brincavam assim como o Enzo falou?*

Ketlyn: *não, não podia, o inspetor de alunos não deixava e também esse jeito eu não acho certo. Brincar de tiro, prender, não gosto. Também não deixo minha filha Manoela brincar, é muita violência. Igual esse jogo da batatinha frita.*

Seguimos com as perguntas...

Ketlyn: *não fazíamos armas e equipamentos porque brincávamos de outro jeito.*

Brenda: *você não tinha vontade de brincar que nem a gente brinca?*

Ketlyn: *se vocês brincam assim eu não acho legal, é o que eu penso.*

Cristopher: *mas é brincadeira.*

Ketlyn: *mesmo assim não gosto, tem brincadeira melhor, é minha opinião.*

Prosseguimos...

Ketlyn: *tenho um tio que é policial, mas quase não o vejo, ele mora longe.*

Agradecemos a sua presença e ela se retirou, pois foi chamada para ajudar na refeição. Agradeceu o convite e disse que esperava ter contribuído. Depois que ela se retirou, fizemos uma roda de conversa. Senti que eles se decepcionaram pelo fato dela não brincar como eles. Relembrei as imagens e vídeos que assistimos, os quais mostravam jeitos diferentes de brincar. Enzo, que sempre se posiciona, disse: *prô, mas eu acho que nosso jeito é mais legal.* Lucas, Joaquim, Christopher e Brenda disseram que também achavam.

Eu quis muito tentar entrevistar a Leda, da equipe da limpeza, pois ela mora na comunidade e é avó da aluna Emanuely, mas não consegui. Como sou professora do intermediário, meu tempo com cada turma é menor e ela sempre estava no refeitório, realizando a limpeza após o almoço das turmas.

Na semana seguinte, tentei propor a brincadeira como a Ketlyn relatou, mas pelo fato do grupo de crianças estar grande, não deu certo. Depois até pensei em estabelecer símbolos para cada “personagem”, eles sugeririam desenhos para o policial, a vítima e o ladrão, mas não deu tempo...

A última atividade que fizemos, em relação à brincadeira, foi ouvir duas músicas sobre esse tema: Mc Muleke – Polícia e ladrão (<https://www.youtube.com/watch?v=GWWj8Bq-aKY>) e a outra Policial Kiki – Canção de policial (<https://www.youtube.com/watch?v=wQQiZHFzIU>).

Num primeiro momento, apenas ouviram e assistiram ao vídeo, dançaram o tempo todo na música do Mc. No vídeo do Policial Kiki não se entusiasmaram tanto. No dia

seguinte, assistimos novamente aos dois vídeos e na roda de conversa lancei uma pergunta: vocês gostaram?

Lucas: *gostei mais do primeiro, porque a música é mais legal e o vídeo é igual o que acontece, né prô?*

Eu: *o que acontece?*

Lucas: *os moleques na favela brincando de polícia e ladrão, com arma. Eles crescem, uns vão estudar e outros viram bandido e outros polícia.*

Cristopher: *prô, você viu no vídeo que o menino que virou bandido morreu com um tiro da polícia? Outro dia, na rua, teve tiro, falaram que prenderam três que estavam roubando.*

Eu: *vi sim, ele enfrentou a polícia, fugiu, mas foi pego e acabou levando um tiro. Será que sempre é assim?*

Lorena: *não, outro dia foi polícia na minha casa, mexeu nas gavetas, olhou tudo, levaram meu pai e meu tio, mas meu pai saiu, só meu tio que ficou preso, fez coisa errada, prô.*

Bryan: *prô, vou querer ser policial e vou prender todos os bandidos.*

Eu: *no segundo vídeo, o que fala sobre a polícia?*

Valentina: *que ela também ajuda as pessoas que se perdem, ajudou a mãe a encontrar o filho.*

Alice: *também ajudou o animal, protegeu o animal.*

Arthur: *prô, sabia que tem uma polícia que salva os animais das pessoas? Eu vi na televisão. Tinha um monte de passarinho sem bico, sem pena, a polícia ajudou a salvar.*

Eu: *polícia ambiental.*

Arthur: *isso, prô.*

Eu: *então conhecemos outras funções da polícia: ajudar pessoas perdidas e proteger os animais. Será que tem mais alguma coisa diferente?*

Brenda: *eu já vi um policial ajudar um velho a atravessar a rua, ele pediu pro carro parar.*

Lucas: *também fica polícia na estrada, para quando as pessoas correm muito, ela multa.*

Arthur: *e quando as pessoas bebem, vão até preso, né prô?*

Eu: *nossa, vocês falaram muitas funções diferentes da polícia* (nesse momento, a professora das 15 h chegou e finalizamos a roda).

A última etapa da tematização foi passar o vídeo gravado pela Marina. Todos ficaram muito atentos ao que ela observou nos desenhos. Na roda de conversa perguntaram se iríamos fazer lutas, danças e brincadeiras, pois Marina falou sobre isso. Eu disse que não, pois as férias já estavam chegando e não daria mais tempo, mas, quem sabe em outras escolas eles poderiam contar sobre as práticas corporais para os professores e amigos.



O tempo é sempre um fator desafiador, conforme a tematização foi acontecendo, muitas ideias surgiram. Pensei que poderíamos ter pesquisado a origem da polícia, sabermos sobre o fardamento, por que o uso de armas. Será que sempre foi assim?